

É a mãe!

argumento de roteiro e projeto de longa metragem

um argumento de Juliana Reis

março 2009

©BN

No dia do seu aniversário, MARTA, sobrevivente de todas as contra-culturas dos anos 70/80, recebe a visita de uma mocinha de 14 anos, LUCA, que ela nunca viu, anunciando ser sua filha – *“fruto de uma aventura de uma noite só, sem dia seguinte”*, é assim que Luca pensa poder tudo explicar. Se, a princípio, Marta lhe devolve a porta na cara, com perseverança e um sorriso desarmante, a menina acaba dobrando a mulher, *“nem que seja para proteger essa criança de sua própria maluquice”*.

Esse é o ponto de partida – original, para não dizer non-sense – para uma comédia de costumes, no melhor espírito Lubitsch, tratando das atribulações de uma relação mãe-e-filha, e da necessidade de sua reinvenção nesse nosso mundo moderno.

A história se passa no Rio de Janeiro, no ano 2000, mas pretende guardar uma fina e íntima relação com nossa história recente, desde os tempos do WLF (Movimento de Emancipação da Mulher), passando pelos “anos Serra Pelada”, “anos Sarney”, “anos Brizola”.

Como desdobramento, mil quiproquós envolvendo RAUL, CAUÃ e RODOLFO, atual marido e os dois filhos de Marta, assim como FRANCO, pai de Luca, sacudindo e questionando todas as formas da (des)estrutura familiar presentes em nossa sociedade.

Todos eles, porém, são pretextos para se aproximar, de uma maneira curiosa e livre de preconceitos e velhas idéias, da violenta e intrínseca interdependência regendo as relações mãe e filha. Matéria de tantas teses, assunto e obsessão habitando tantos consultórios de psicanálise, com seus complexos e mitos gregos, a reflexão sobre esse antagonismo auto-destruidor feminino, já se basta, sendo mais do que merecedor de uma obra no nosso repertório ficcional.

Luca, na sua busca desenfreada por um modelo no qual se pautar, vai oferecer a Marta a ocasião sublime de se reconstituir como mulher, revisitar os passos também por ela trilhados, como quem pode experimentar sua vida duas vezes.

os personagens

LUCA 13/14 anos (1987).

"*Garçon manqué*", menina criada por homem. Cristalina, e autêntica, preservada da hipocrisia por uma certa natureza anti-social. De inteligência cristalina e pensamento agudo; emocionalmente *borderline*. Encantadora, assexuada e igual a um menino.

Quer inventar uma mulher para ser.

MARTA 49 anos (1951).

Classe média 'com rebolado', fruto da contra-cultura e do fim das ideologias. Trabalha em casa em jobs arcaicos – tradução e revisão de texto –, é *free-lancer* e tenta atualizar-se com a era dos computadores. Considera-se uma outsider, 'com muito orgulho'. De retorno de suas revoltas, vive em paz (e em prazer) com Raul, após dois casamentos tão medíocres quanto desastrosos. Mãe de dois homens-feitos, Cauã e Breno (28 e 30 anos).

Foi feminista, brigou com os homens para ser como eles; nada se lembra de sua adolescência e primeira juventude, mas sabe que demorou a querer ser mulher.

Quando casou-se com Raul, em 99, acalentou o desejo de ter mais um filho ('uma menina, dessa vez'), já com 45 anos. Fez algumas tentativas, antes que a menopausa viesse encerrar o assunto. Personagem escrito para a atriz Denise Dumont.

Uma biografia (extradieética): Casou pela 1ª vez aos 20 anos, grávida de quatro meses, em 1971, da onde nasceu Cauã, em 72. Do mesmo casamento, ao menos oficialmente, surgiu Breno, em 75, ela já com 24. Mas o casamento acabou menos de um ano depois, em 76, quando Marta começou a militar fervorosamente pela importação do WLF no Brasil. Em 77, aos 26, ela conhece e carinhosamente amadrinha Sílvia, de 21, recém-chegada no movimento. Em 82, casa-se novamente, aos 30, com Jordão, um bem sucedido publicitário, que não perdia nenhuma de suas mordazes frases de efeito da hora do jantar, no dia seguinte transformadas em slogans, durante o expediente da agência de pub, cujo departamento de criação ele dirigia. O sucesso profissional de seu marido caía bem, pagava a educação, das melhores, para os dois filhos (10 e 7), cujas pensões alimentares, o verdadeiro pai resolveu estancar, como forma de cura de ressentimento matrimonial. De feminista, Marta passou a dondoca, bem sustentada pelo marido. De antes, ela só guardou a amizade com Sílvia (26).

Mais um ano, 83, e Marta encontra pela primeira vez Raul, arquiteto responsável pela reforma total de decoração da residência da família. Um encontro simpático, eles tem um mesmo

senso de humor, corrosivo e as vezes cruel com eles mesmos. Depois de meses de canteiros de obras, param de se ver, até o dia da tal festa.

Abril 86. Festa na casa de um tal Franco, ninguém conhece, mas isso não tem nenhuma importância. Qualquer um que tope o princípio de deixar todas as roupas na entrada é bem-vindo. Parece que estão celebrando o primeiro milhão do cara. De cruzados? não, de dólares. Uau.

Marta (35) convence a tímida Sílvia (30) a vir com ela. Jordão também vem, mas ela não suporta mais sua companhia. E, já que ali, ninguém é de ninguém...

Pois é, ninguém foi de ninguém, Raul estava lá também, mas nem conseguimos conversar (*"ele estava com uma mulher tão peituda que perdi a coragem de chegar perto"*).

Ainda em 86, divórcio do segundo casamento. Mas somente em 87 se encontram, Marta e Raul – os dois solteiros – e trocam números de telefone. Nunca ligam. E mudam de endereço, se perdendo de novo.

Em 89, Marta e Raul se beijam e se embolam pela primeira vez. Mas ainda 7 anos os separam da vida de casal.

Presentemente, ela acaba de aparecer nos jornais, por algum fato tão valoroso quanto involuntário, e atravessa seus 15 minutos de fama, tendo que recusar mil convites para participar como representante da sociedade civil de programas de TV.

RAUL 55 anos (1945).

Uma homenagem "feminina" aos homens legais, encarna uma mistura ideal do popular com o erudito. É o melhor deles, em concentrado. Só pensa em sexo e vive com filosofia. É arquiteto, pacífico, paciente, adepto de uma ironia banhada na melancolia.

Quis ter um filho com Marta (não teve nenhum com ninguém), mas recusou a idéia da adoção como alternativa. Se relaciona ludicamente, sabendo driblar suas neuroses e trocar de lugar com ela, na relação homem-mulher.

Sabe também como encontrar um lugar para si, de interlocutor co-adjuvante, sem disputar com ela – e até mesmo, recusando – o de protagonista desta história.

SÍLVIA 44 anos (1956).

Nunca teve filhos e colecionou somente histórias horrendas com os mais variados tipos de homem. Mais nova que Marta, participou com ela dos movimentos de liberação da mulher, no fim dos anos 70.

Há pouco encontrou Celeste, 14 anos mais nova que ela, por quem se apaixonou, se tornando uma lésbica tardia e convicta. Nada tem de mulher macha, é secreta e seu rosto de pele fina e luminosa, apesar das rugas delicadas, faz pensar que ela acabou de reaprender a sorrir.

CELESTE 30 anos (1970).

Lésbica desde criancinha, iniciou Sílvia nos segredos do amor de mulher. Mais "homenzinho" no look e na atitude, 14 anos mais jovem que sua parceira.

Nasceu no ano do tri, em pleno milagre econômico, conheceu o movimento pelas diretas, mas nunca ouvir falar da liberação da mulher. Aliás, ela é contra.

CÉSAR 57 anos (1943).

Um 'comedor de mulheres', aposentado e decadente. Nunca se acostumou com o mundo cheio de lésbicas. Niilista bêbado, destila sarcasmo e cheira a camisa mal lavada e a cigarro. Faz muito que não tem uma mulher para cuidar dele.

ELEONORA 43 anos.

Síndica de condomínio; politicamente correta, uma indivíduo sem um traço de originalidade individual. Debita frases feitas e é obsessivamente preocupada com o respeito das regras de vida coletiva na vila onde mora, consagrando grande parte do seu dia e energia. Casada a um cabo eleitoral profissional, no auge de sua carreira, pois assessor de gabinete do poder municipal.

FRANCO 46 anos (1954).

Pai de Luca. Tem ar altivo, narciso e presunçoso. Algo de frio no olhar, de imperioso.

Uma biografia (extradiagética): filho de militar, quando jovem formou-se como piloto de aeronáutica, mas escolheu ser piloto privado, entre 26 e 30 anos, fazendo ligação com Serra Pelada, onde acabou fazendo fortuna no garimpo.

Voltou para o Rio em 85, montou uma empresa de engenharia tecnológica de ponta (perfuratrizes, escavadoras e rolos compressores) e passou a fechar contratos milionários com o governo da época (Sarney). Aos 32 anos, é milionário, e se oferece festas orgiásticas, regadas a muitas drogas e mulheres, que ele nunca toca, apenas gosta de ficar olhando.

FRED 17 anos

Namorado de Luca, esperando ansiosa, porém pacientemente, que ela esteja pronta.

o argumento resumido

Uma mocinha, LUCA, nada mocinha, com ar de um menino, mochila nas costas e beirando os 14 anos, anda pela cidade, aparentando saber aonde vai.

Em sua casa, MARTA, mulher madura de beleza viril e 50 anos, trabalha (ou melhor, briga com a tecnologia) diante do computador. A campainha toca, Marta estranha, olhando o relógio anunciar meio-dia, algo acontecer a esta hora. Vai atender.

É Luca, no portão de uma casa de vila estilizada no baixo horto.

Marta abre a porta sorrindo, apesar de não saber quem a mocinha é. Se encontram a alguns metros de distância, uma da outra. Pergunta com simpatia natural: “*pois não?*”

Luca também sorri, feliz de descobrir Marta. Ela se apresenta, exultante de alegria de enfim lhe conhecer. Marta se envaidece, mas não compreende. Luca explica, dizendo ser sua filha. O sorriso de Marta se complica, mas não se desfaz. Marta não tem filha, somente filhos, dois... e ela interrompe a frase no meio (Ia dizer que eles já são grandes e foram embora, mas se repreende de começar a contar sua vida assim. Pode ser um golpe, um desses onde o pilantra começa fazendo cadastro para ganhar presente no mês de aniversário e a gente acaba falando até as senhas bancárias.

Luca parece inofensiva. Mais do que isso, seu sorriso a torna transparente e absolutamente incapaz de sofismas e simulacros. Ela compreende a confusão de Marta. É normal. É que elas nunca se viram. Não se conheciam até aquele exato momento. Marta continua sorrindo, quando se vira de costas, com a certeza de ter sido feita de boba... felizmente, não por muito tempo. Ela já está prestes a fechar a porta atrás dela, quando, num lampejo generoso e adulto, retorna para encarar a menina uma última vez e dizer “*Seus pais sabem aonde você está?*” “*Só minha mãe... mas ela não quer acreditar*”, é a resposta da menina, banhada por um sorriso radiante que sabe que, com paciência, ela chega lá. Som da porta que bate.

De noite, jantar de aniversário de Marta. Ao todo 5 convidados, contando com ela e RAUL, um cinquentão, ainda cheio de charme e de marra. Em um canto de destaque, um jovem nordestino vestido de kamikase evolui com sua faca sobre uma bela peça de atum fresco. Uma mesa de jantar quadrada e enquadrada por um grande pôster reproduzindo a cena final – Osborn dizendo “*Nobody is perfect*” para Jack Lemmon – do filme Quanto mais quente

melhor. Todos os outros estão sentados em torno de uma mesa quadrada. Marta está dividindo seu lado com Raul, e tem a sua direita uma mulher, SILVIA, que tem a sua direita um homem, CÉSAR, que tem a sua direita uma outra mulher, CELESTE, ao lado de Raul. As duas (belas) convidadas formam um casal gay, o cara do meio é bem menos moderno que os outros e fica ali, tentando corrigir o que considera ser um erro da natureza. Conversa vai, conversa vem, chega a hora da sobremesa, Raul traz para a mesa um bolo de sorvete. Marta relata, em tom de graça e já com a leviandade do álcool, o presente que ganhou, acontecimento insólito de sua tarde. Cada um comenta o fato e toma posição. O Homem vela quase fica louco, protestando contra esta última prerrogativa exclusiva ao homem – a de se deixar fazer um filho indesejado nas costas – , em passe de se perder.

No dia seguinte, Raul sai pra trabalhar, deixando Marta descabelada, as voltas com seu computador que não para de dar pau, e com a figura de Luca que não sai de sua cabeça. Saindo do condomínio onde moram, ele percebe a menina que entra.

Ao retornar no fim do dia, sob uma dessas tempestades de verão, encontra Luca encharcada diante da porta, montando a guarda. E Marta, entrincheirada e febril, no interior. Tentando intermediar, ele sai com uma toalha na mão, mas é recebido com desconfiança por Luca, que diz para ele não se meter, pois isso é um assunto entre ela e a mãe.

Não demora e os dois adultos se inquietam pela menina: *“talvez ela esteja fugindo de casa”*; *“ou em crise”*, *“ou louca”*. *“Talvez ela esteja correndo perigo”*, diz Marta alarmada. Raul pondera que, afinal, isso não é problema deles. *“Como não”*, diz Marta, *“ela diz ser minha filha!”*

Daí ao ponto de Marta resolver assumir (*“de mentirinha, justo para tentar ajudá-la”*) ser mãe de Luca foi um passo, catalisado inclusive pela ação politicamente correta e inconveniente de ELEONORA, síndica do condomínio, que resolve chamar o serviço de recolhimento de uma instituição para crianças de rua.

Uma vez estabelecido o contato entre as duas, e mesmo que para isso seja necessário aceitar a louca premissa de Luca, Marta vai questioná-la sobre o porquê de uma tal idéia, assim como o porquê dela, Marta, ser a feliz eleita. E assim, duas novas informações aparecem para compor nossa narrativa: a primeira, de que Luca está longe de ser uma menina das ruas; filha de FRANCO, um rico industrial, ele é criada na abundância de tudo, com uma única exceção: nunca conheceu a própria mãe.

E, como segundo elemento de informação, uma foto já meio velha que Luca afirma há muito tempo guardar, tirada exatamente 9 meses antes do seu nascimento: no meio da noite e de um jardim escuro, um bando de jovens adultos nus dentro de uma piscina oferecendo sorrisos abusados e copos de whisky para o flash impreciso da câmera, sem preocupação de luz ou enquadramento. Marta está lá, Raul está lá e mesmo Sílvia está lá, todos uma dúzia de anos mais jovens e com os traços ainda menos nítidos, graças aos holofotes da piscina em contraluz. Apenas um está fora d'água, completamente nu na borda com os braços abertos, com o ar satisfeito de se oferecer toda aquela libertinagem. É Franco, pai de Luca, o tal “amante de uma noite” só que Marta, antipatizada, persiste em não reconhecer...

Já Raul, não esqueceu de nada:

“Nossa como a gente mandou ver... Que orgia... Acho que eu só não comi mesmo você naquela noite. E ainda assim, porque você tava o tempo todo ocupada...”

“Orgia? Não lembro de orgia nenhuma?”, diz Marta sinceramente chocada.

Raul dá um beijinho displicente na testa dela: *“Que deus proteja, você e a sua amnésia ...”*

A amnésia de Marta não a impedirá de sonhar com aquela piscina e se imaginar grávida de Luca, por quem vai desenvolver o profundo afeto. Por ela, ela irá se aproximar de Franco, se crer por ele apaixonada e colocar em risco sua vida amorosa com Raul.

Este, longe de capitular, chama os filhos de Marta para intervir numa situação que se torna, a cada cena, mais *sui generis*.

De quiproquó em quiproquó, acabamos percebendo que tudo o que acontece é fruto de um estratagema de Luca para poder simplesmente “ter uma mãe”, com quem aprender a ser mulher, no momento em que tomou a decisão de transar pela primeira vez com o namorado FRED. E que, a recente e curta mediatização de Marta a fez reconhecê-la como uma das possíveis mães da foto.

Mas é tarde demais pra Marta, que já não pode abrir mão da ocasião de reviver, através da “filha”, momentos do seu próprio crescimento, e que ela pensava não ter tido nenhuma influência na formação da pessoa que se tornou.

Para ela é como um mergulho, por vezes em águas turvas, como quando Luca, uma vez de “posse” da mãe que sempre sonhou ter, se sente impelida a devorá-la, como se o fosse o seu lugar que ela quer ocupar.

O clímax mediano intervém no momento da “primeira noite” de Luca, vivida em osmose e em paralelo por Marta: uma epifania, encontro e reconciliação de Afrodite e Psiquê.

Como desfecho, e consolidada uma relação entre nossas duas heroínas, resta ainda o antagonismo de Franco, que persegue Marta na justiça por corrupção de menores, a vencer. Marta decide reagir no mesmo tom, e apela para a igualdade de direitos perante a justiça, conferido a homens e mulheres pela constituição brasileira.

E, dessa maneira, Marta vai se recusar a praticar um teste de DNA, tornando-se, assim, compulsória e oficialmente mãe de Luca.